

LUTA CONTRA A SUBVERSÃO

Pelo Ten-Cel JOSÉ A. VAQUERO (in "Revista da Escola Superior de Guerra", da Argentina, n. 358, de Mar-Abr 65).

Tradução pelo Tenente-Coronel Art (QEMA) JONAS CORREIA NETO.

O objetivo deste artigo é a difusão de conceitos sobre este ramo do conhecimento militar moderno. Compreende uma síntese da teoria revolucionária, da teoria contra-revolucionária (no ambiente interno de um país) e da intervenção do exército regular na contra-revolução. Pretende, ainda, difundir, ampliar e esclarecer conceitos constantes do R Cond 1 e do R Cond 1 e (ver nota no final).

Os assuntos a abordar são os seguintes:

I — Conceitos gerais: 1. Classificação da guerra. 2. Os ambientes de luta. 3. Conceitos de zona dominada e de zona controlada. 4. Linhas de ação estratégicas do comunismo. 5. Estratégia geral da Guerra Revolucionária (GR).

II — A Guerra Interna Revolucionária: 1. Períodos e fases do seu desenvolvimento. 2. O processo de militarização. 3. A tática.

III — A Guerra Interna Contra-Revolucionária (GICR): 1. Finalidade. 2. Objetivo. 3. Estratégia geral: as operações terrestres contra a subversão; missões do exército na GICR. 4. A organização da Defesa do Interior do Território (DIT).

DESENVOLVIMENTO

1 — CONCEITOS GERAIS

1. CLASSIFICAÇÃO DAS GUERRAS

a. Segundo a área geográfico-política abarcada

(1) *Mundial.*

"Aquela que se desenrola entre os países mais importantes do mundo, com a participação direta ou indireta da maioria dos demais países."

Se admitimos que todo conflito em escala mundial está acentuadamente impregnado das ideologias que se combatem, podemos afirmar que a guerra mundial é e será revolucionária para o bloco comunista e contra-revolucionária para o bloco democrático.

(2) *Local.*

"Aquela em que se empenham dois ou mais países, geralmente limítrofes, e que se contém num espaço geográfico circunscrito."

A guerra local pode ter curso para satisfazer interesses exclusivamente nacionais e, em consequência, sem a intervenção preponderante de ideologias extranacionais, — ou, pelo contrário, com a interferência flagrante das ideologias conflitantes. Daí, a seguinte classificação para a “guerra local”:

(a) Guerra local revolucionária — executada por um país conquistado pelo marxismo-leninismo contra outro país, normalmente limítrofe, para derrotá-lo, convertê-lo a essa ideologia, e assim servir à expansão ideológica totalitária.

(b) Guerra local contra-revolucionária — levada a efeito por um país governado no sistema democrático ocidental, para se opor ao país que contra êle conduz uma guerra local revolucionária.

(3) *Interna.*

“A que se processa entre grupos sociais importantes de um mesmo país, em seu próprio território.” “A guerra interna difere sensivelmente dos dois tipos anteriores, porquanto representa a rutura da coesão interna de uma nação.”

Ela se processa para se opor à autoridade de fato ou de direito, com a finalidade de lhe tirar o contróle do território e da população, em alguns casos; em outros, de obter certas concessões, paralizar ou anular o efeito de determinadas medidas. Os grupos litigantes podem ser ou não ser apoiados do exterior.

Quando, numa guerra interna, tem papel preponderante à disputa ideológica, pode-se considerar esta classificação:

(a) Guerra interna revolucionária — é a que se desenvolve no interior de um país governado, ou pelo menos fiscalizado, por uma autoridade (de fato ou de direito) democrática ocidental, a qual se encontra sob tentativa de deposição por parte de uma parcela da população, devidamente enquadrada após conquistada (por convicção ou pela força) pela ideologia comunista, parcela essa que busca condições favoráveis para comunizar tóda a população do território.

(b) Guerra interna contra-revolucionária — é a mantida pelas forças da ordem, em conjunto com a população que as apoia, para derrotar as forças que fazem a guerra interna revolucionária.

(4) *Conquista do poder pelo comunismo, na GIR (âmbito local)*

O comunismo internacional tratará de conquistar o poder, em cada uma das nações do Mundo Livre, para convertê-las em países satélites e assim aumentar seu potencial de tóda natureza. As formas de ação para a conquista do poder, em cada país, variarão desde meios pacíficos (por exemplo: eleições) até o emprêgo de força. As formas de ação irão adaptar-se à situação particular do momento e do lugar, e levarão grandemente em conta as circunstâncias históricas, econômicas e psico-sociais.

Entre as formas de ação, podem ser assinaladas;

(a) Via eleitoral.

A ideologia marxista-leninista deverá ir à disputa cívica como partido político, seja isoladamente, seja compondo as chamadas "frentes populares" (como no recente caso do Chile).

(b) Guerra interna revolucionária subversiva.

Desenvolve-se em tôda a extensão territorial dum país, entre com-patriotas, apoiados ou não do exterior. É empregada a forma de luta subversiva, ficando o êxito na dependência muito especial do apoio que a população dê à ideologia revolucionária. Serão exploradas ao máximo as "contradições internas" que, no momento, sejam as mais gritantes.

Exemplo desta forma de ação é a que se processou na Venezuela, no ano passado, coincidindo com a fase política que precedeu as eleições para a sucessão do Pres. Betancourt.

(c) Guerra interna revolucionária (clássica).

Desenvolve-se, também, no próprio território e entre grupos de com-patriotas, empregando-se a forma clássica de luta. O grupo que esteja tentando sobrepor-se ao poder legal deverá contar com o efetivo apoio de elementos das fôrças armadas regulares, para que tenha possibilidade de êxito. O apoio do exterior, por parte das potências do bloco comunista, é o normal.

(d) Apoio a movimentos de libertação nacional.

A ideologia marxista-leninista identifica-se com o "nacionalismo" dos naturais dos países coloniais, e assim pretende se justificar históricamente. É o caso do apoio que as potências comunistas dão à maioria dos movimentos insurrecionais nativos, na África.

(e) Apoio a movimentos nacionais com raízes populares.

É a identificação do comunismo com as aspirações de parte da sociedade de um país, tratando de atrair esta, para orientá-la numa direção que interesse aos seus fins. O êxito será então procurado através de GIR (subversiva), de meios eleitorais, etc.

(f) Golpe de estado.

É a transformação do regime de funcionamento do estado, ou apenas a deposição do govêrno e sua substituição por outro, — em ambos os casos, aparecendo novas autoridades, aliadas aos executantes do golpe ou a êles servir. Tem matizes distintos: pode haver ou não violência; participar ou não o povo. O normal é que se processe sem violência física e sem o concurso da população. Sua principal característica é a rapidez de execução, para se apresentar à nação um fato consumado, impossibilitando-se a reação. Últimamente, tem havido freqüentes golpes de estado no Vietnam, mas o exemplo mais típico de golpe de estado comunista é o dado em 1948, na Tchecoslováquia.

b. Segundo os meios empregados**(1) Guerra fria.**

"Está basicamente caracterizada pela ausência de um conflito armado evidente entre as forças militares dos contendores, os quais procuram alcançar seus objetivos por outros meios (políticos, econômicos, psicológicos, etc.). O poder militar intervém apoiando de modo indireto essas ações, ou diretamente em operações de segurança (fortalecimento do poder legal, manutenção ou restauração da ordem, controle de uma zona cuja situação esteja instável, proteção à pessoas e a propriedades). Sob um ponto de vista prático, essas operações de segurança na guerra fria serão, em última instância, ações de combate de âmbito restrito."

Esta guerra fria é a que está atualmente em desenvolvimento entre as coalizões antagônicas, numa escala mundial. É porém indubitável que seu sentido fica muito fluido, quando se verifica a irrupção da China comunista como potência que apóia a países, ou a grupos sociais de várias nações, em sua luta contra potências ocidentais e, às vezes, contra a própria Rússia.

(2) Guerra limitada.

"Este termo indica uma ampla gama de conflitos armados, que empregam armas convencionais ou nucleares, de maneira limitada." "A guerra limitada" se caracteriza por uma restrição consciente, por parte dos beligerantes, no tocante a um ou mais aspectos ou fatores. Por exemplo: armas, objetivos, amplitude geográfica e/ou participantes."

Os exemplos clássicos de guerras limitadas são a da Coreia e a atual luta no Vietnã. As grandes potências que apoiam os países que se enfrentam na guerra limitada tendem a circunscrever o âmbito geográfico e a dosar o emprego dos meios, para que, assim, não possa evoluir para uma guerra generalizada.

(3) Guerra generalizada.

"É um conflito armado, no qual potências ou coalizões, com capacidade nuclear, lançam mão de todos os meios disponíveis. Caracteriza-se pela ausência de restrições e por ataques nucleares contra o território de cada adversário."

Ao que parece, nosso regulamento somente vê a guerra generalizada mediante o emprego irrestrito de meios nucleares; apesar disso, são bastante divididas as opiniões a respeito, havendo mesmo quem opine que num conflito em escala mundial pode bem ser que não se utilizem meios nucleares.

c. Segundo a finalidade

"Pode-se estabelecer uma classificação para as guerras, também, quando em sua finalidade predomina um objetivo principal, sobre outros

secundários; em tal caso, se enunciará "guerra política". "guerra econômica" ou "guerra ideológica" (quando a finalidade básica do conflito compreender, respectivamente, aspirações políticas, econômicas ou ideológicas)".

É fora de dúvida que um conflito se deve a muitas causas, de várias índoles: históricas, raciais, econômicas, ideológicas, etc; entretanto, neste curso de século, o mundo tem assistido ao desenrolar de contendas com profundas raízes ideológicas e econômicas.

d. Segundo a ideologia

"Dentro das guerras ideológicas se encontra a guerra revolucionária. É aquela que é desenvolvida pelo comunismo internacional, nos campos político, social, econômico, psicológico e militar, para impor ao mundo a ideologia marxista".

2. OS AMBIENTES DE LUTA

a. Forma de luta subversiva

"As forças inimigas empregam, de maneira predominante e sub-reptícia, meios de ação irregulares em todos os campos da atividade humana, principalmente no psicológico, com o fim imediato de obter o controle da população."

Esta forma de luta é a que se passa, normalmente, entre grupos de compatriotas, apoiados ou não do exterior. Do ponto de vista militar, os efetivos são irregulares e sua organização é deficiente.

b. Forma de luta clássica

Quando atuam preponderantemente forças armadas regulares, sem o emprego de meios nucleares nem de ações irregulares em larga escala.

c. Forma de luta nuclear

É a realizada por forças armadas regulares, empregando armas nucleares em larga escala.

— As formas de luta, acima vistas, dão lugar, então, aos *ambientes de luta*, que não se excluem entre si, — ao invés disto, misturam-se, interpenetram-se, por tal forma que em um mesmo espaço geográfico podem estar ocorrendo operações nucleares, clássicas e subversivas.

3. CONCEITOS DE ZONA DOMINADA E DE ZONA CONTROLADA

a. Zona dominada

"Região governada pelos comunistas, a qual é por eles mesmos denominada "zona liberada".

A expressão "zona liberada" assinala que é uma zona liberada do regime capitalista...

b. Zona controlada

“Região fiscalizada por um dos partidos em luta, o qual conta com a adesão (por convicção ou por temor) da maior parte da população.”

4. LINHAS DE AÇÃO ESTRATÉGICAS DO COMUNISMO

“As linhas de ação estratégicas do comunismo, conhecidas pelo Mundo livre até o momento, são a coexistência pacífica e a guerra aberta.”

a. Coexistência pacífica

“Consiste em manter-se numa contenda permanente contra o Mundo Livre, sem chegar a uma guerra aberta generalizada.”

O propósito da coexistência pacífica é minar constantemente:

- a coesão do Mundo Livre, e
- a coesão interna de cada um dos países que o integram, acelerando o processo que conduz à “revolução”.

b. Guerra aberta mundial

“Consiste na execução da estratégia geral do comunismo, para impor a todo o mundo a sua ideologia, pela força das armas.” “Na guerra aberta mundial serão possivelmente empregadas as três formas de luta: clássica, nuclear e subversiva.”

— Indubitavelmente, a posse de meios nucleares por parte de duas grandes potências do mundo comunista e de três países do bloco ocidental faz com que a estratégia da coexistência pacífica tenha decisiva importância e se mostre a mais econômica, e talvez a única viável. Nela, é fundamental o que tange aos aspectos — econômicos, político, psicológico e social. É fácil concluir-se que o comunismo só chegará à guerra aberta mundial quando o “bloco livre” estiver suficientemente carcomido pela estratégia da coexistência pacífica.

5. ESTRATÉGIA GERAL DA GUERRA REVOLUCIONÁRIA (GR)**a. Conceituação**

“A estratégia geral da GR é a arte de conduzir o conjunto dos meios que o comunismo possui, bem como aqueles outro que, não sendo propriamente seus, possa aproveitar em seu benefício. Seu objetivo final é a imposição de sua ideologia no mundo.”

b. Princípios

- (1) *Primazia da ação política sobre a militar.*

Sendo a massa anárquica, de acordo com o comunismo, deve haver uma instituição fortemente hierarquizada, para a conduzir; e tal institui-

ção é o partido comunista. Eis porque êsse partido é de uma elite dirigente e não de massas. Na URSS, só uma parte reduzida da população pertence ao Partido, e geralmente o ingresso neste é prêmio a grandes triunfos, nos mais diferentes campos. (Quando da primeira viagem espacial russa, os jornais registraram que havia sido concedido a Gagarin, como prêmio, a entrada para o PC.)

(2) *Prioridade para a conquista e a conservação do contróle da população.*

Todo revolucionário comunista deve procurar a adesão da população, e controlá-la, se possível através da convicção; porém, se assim não fôr, deve alcançar aquilo pelo uso da força. Para essa adesão e êsse contróle, criam-se as chamadas "híerarquias paralelas", na sociedade que se está atacando. As forças armadas regulares e irregulares têm a missão fundamental de conseguir a adesão da população; neste sentido, Mao-Tse-Tung deu diretrizes terminantes às suas forças, durante a GIR chinesa (essas diretrizes se acham detalhadas em suas "Obras Escolhidas").

(3) *Necessidade de uma idéia-força.*

Para obter a adesão da população, o comunismo precisa de que ela veja suas aspirações satisfeitas, ainda que seja tão somente às custas de propaganda; para isso, criam-se slogans, ou idéias-forças. Assim, durante a "contra-revolução" de 1917, na Rússia a idéia-força difundida por Lenine foi: "Pão, Paz e Liberdade". É claro, que a idéia-força deve ser adaptada ao meio ambiente e ao momento.

(4) *Necessidade de apoio do exterior.*

Esta necessidade é conseqüência da debilidade da revolução, sobretudo no seu início. Eis um exemplo que evidenciará a importância do apoio exterior: — A GIR grega perdeu potência e começou a declinar em 1948, quando Tito fechou a fronteira da Grécia com a Iugoslávia (donde provinha o apoio aos revolucionários gregos), em virtude de divergências com Stalin.

c. Meios

(1) *Partido Comunista Soviético.*

Este partido, juntamente com os PC "nacionais", constitui as frentes nacionais e os movimentos de massa, células ou pessoas que, nos mais diversos campos de atividades, realizam ações mais ou menos encobertas, com fins de informação; agitação, arregimentação, etc., — os métodos peculiares comunistas.

O PC/URSS mantém a direção estratégica do movimento comunista internacional, ainda sujeito à Rússia — pois, desde a grave disputa que mantém China e URSS, o comunismo internacional também se encontra dividido.

Dizem os estatutos do PC/URSS; “O Partido Comunista da União Soviética é, a um só tempo, a forma superior de organização político-social e a força dirigente e orientadora da sociedade soviética, bem como é parte inalienável do movimento comunista e operário internacional.”

No seio do PC/URSS a autoridade superior se acha fora dos Congressos. Os reduzidos Corpos Colegiados, como o Comitê Central, demonstram unidade de direção, ao fazer o acionamento do comunismo do mundo.

(2) Partidos Comunistas “Nacionais”.

Tem-se utilizado a denominação “nacionais”, neste trabalho, para seguir o texto regulamentar; no entanto, a rigor, os partidos comunistas dos diferentes países pouco têm de nacionais, de vez que são dirigidos do exterior — seja de Moscou, seja de Pequim.

Desde novembro de 1957, quando se realizou em Moscou uma conferência de partidos comunistas, de alto nível, colocou-se ênfase especial na necessidade de prestar maior atenção às peculiaridades nacionais. Destarte, os PC deveriam abrir mão da sua submissão rígida a Moscou e adotar um procedimento mais de acôrdo com os aspectos particulares, locais e regionais.

(3) Frentes Nacionais.

Consiste na penetração feita por meio da colaboração do comunismo, através do PC (atuando ou não na legalidade) com outros partidos, e também por meio de comunistas e/ou criptocomunistas, agindo em sindicatos e em grupos sociais de diversas naturezas.

(4) Diplomacia.

Juntamente com a ação econômica, a assistência técnica, a ajuda e/ou pressão militar e a vinculação cultural, constitui um dos métodos clássicos de atividade comunista. Clássicos porque, pelo menos no tocante à forma de atuação, assemelham-se aos que são aplicados pelos governos não comunistas.

A diplomacia é de fato utilizada pela URSS em grande medida. Tanto a Rússia como seus satélites têm, acreditados junto ao governo argentino cerca de 600% mais de diplomatas do que possui a Argentina nesses países. E nos países em que a URSS não tem representação diplomática, mas algum de seus satélites a tem, tôdas as ações necessárias são executadas por êstes.

(5) *Ação econômica e assistência técnica.*

São possíveis, especialmente, nos países subdesenvolvidos — e, dentre estes, nos que se estão iniciando na vida independente, pois, recém desligados das suas metrópoles, apresentam-se muito convenientes para a penetração econômica e técnica. Normalmente, à vinculação econômica e técnica seguir-se-á a penetração ideológica.

(6) *Vinculação cultural.*

A periculosidade deste tipo de infiltração é bem grande, dado o âmbito intelectual e psicológico compreendido pela cultura. A atuação se verificará nos setores científico, artístico, no rádio, teatro, TV, etc. E não devem ser esquecidas as bolsas de estudos na URSS e seus satélites.

Na esfera literária, escritores da extrema esquerda internacional produzem obras que analisam fatos e circunstâncias segundo o seu ponto de vista distorcido. O escritor Fernando Nadra diz, em seu livro "A Herança Libertadora e Pacifista de San Martin", a respeito da Assembléia Geral Constituinte de 1813: "... e aboliu, finalmente, a inquisição, a pena de açoite nas escolas públicas, as penas de tortura e todo tipo desta, mandando que se queimassem em praça pública os criminosos instrumentos com que os amos espanhóis haviam martirizado aos jovens revolucionários de todos os tempos. Quando se pensa que ainda, em nossos dias, passados 150 anos daquele histórico congresso, continua-se aplicando torturas em Buenos Aires, compreende-se porque os comunistas dizemos que a tradição de maio nos transmite sua mensagem plena de atualidade revolucionária, que a nossa geração ainda terá de cumprir."

(7) *Ajuda militar.*

Quanto a esta ajuda, ela normalmente é dada aos satélites ou aos países nos quais esteja em processo uma GIR, e aos grupos atuantes a ela ligados.

II — A GUERRA INTERNA REVOLUCIONÁRIA

1. PERÍODOS E FASES DO SEU DESENVOLVIMENTO

a. Generalidades

(1) Faz-se necessário conhecer como "se move" o comunismo no desenvolvimento da GR, quais são sua estratégia, sua tática e seus procedimentos para substituir a ordem nos diversos países, e os meios de que se vale. A sua atividade é peculiar, e nela não se entra em considerações morais ou éticas. Não se conhecendo isso, não se poderá combatê-lo com êxito. Vamos procurar mostrar o inimigo em ação, condição indispensável para a ele se opor com possibilidades de sucesso.

(2) Na GIR a ação não se apresenta de forma brutal e de surpresa, mediante a deflagração revolucionária quase repentina. Há um processo de preparação e de desenvolvimento clandestino, que vai culminar na luta aberta, quando se verificarem certas condições — como sejam, efectivos suficientes e contróle da população.

(3) A GIR se divide, teóricamente, em períodos e fases que, por serem um tanto especulativas, podem não se apresentar em sua totalidade; mesmo assim, o processo que se vai apresentar, normalmente, se tem assinalado nas GIR, com as características de cada caso concreto.

b. Fases que correspondem a cada período

Períodos	{	(1) De luta	}	F	{	(a) Fase de desencadeamento e infiltração.
		clandestina		A		(b) Fase de desvinculação entre a população e o poder legal.
	{	(2) De luta	}	S	{	(c) Fase de contróle da população.
				E		(d) Fase de criação de zonas dominadas.
				S		(e) Fase de ofensiva geral.

2. O PROCESSO DE MILITARIZAÇÃO

a. A característica deste processo é que se busca empenhar a população na luta, ao lado da revolução. Todo homem, mulher, adolescente, e até as crianças, devem receber uma tarefa condizente com sua idade e possibilidades.

b. O processo de militarização compreende meios militares irregulares e também regulares (Fôrças Armadas). São êstes meios:

(1) Meios militares irregulares:

- Elementos individuais (tarefas de informações, de logística, de ligações)
- Grupos de ação (para realizar golpes de mão, sabotagem, terrorismo)
- Milícias de autodefesa (para proteção das autoridades revolucionárias)
- Guerrilhas (para realizar emboscadas, golpes de mão, etc)
- Unidades regionais (operam em uma mesma zona, em ações irregulares)

(2) Fôrças Armadas regulares:

- Exército regular
- Aeronáutica (pode não haver)
- Marinha (pode não haver)

c. Podem ser apresentados, como exemplos do pleno cumprimento do processo revolucionário acima exposto, as duas GIR: a da China e a da Indochina.

3. A TÁTICA NA GIR

A característica distintiva da tática na GIR é a importância que têm os fatores políticos, — entendendo-se como tais, especialmente, os relacionados com a conquista e o controle das populações, já que as atividades para esse fim serão realizadas pelos meios regulares e irregulares. De nada valerá uma vitória no campo tático militar, se depois não for conseguido o apoio da população. As táticas adotadas na GIR são as citadas adiante: *Sabotagem* — *Terrorismo* (seletivo — sistemático) — *Insurreição Local* (urbana, rural) — *Operações Móveis* — *Combates Clássicos*.

II — A GUERRA INTERNA CONTRA-REVOLUCIONÁRIA

1. FINALIDADE

“A finalidade da GICR é conservar, consolidar ou reconquistar a adesão da população à ideologia pela qual propugna o Mundo Livre.”

Com esta finalidade, está novamente assinalada a importância da população neste tipo de conflito. De nada valerão certos triunfos táticos contra os elementos revolucionários, se a população estiver do lado destes. A GIR chinesa evidenciou claramente que os meios terão valor relativo, se não se contar com a adesão da população; Chiang-Kai-Shek teve meios militares muito superiores a Mao-Tse-Tung, porém mesmo assim foi por ele derrotado, e isto porque não contava com os camponeses chineses.

2. OBJETIVO

O objetivo da GICR é fazer voltar à normalidade o espaço geográfico afetado. Isto exigirá, sem dúvida, a derrota das forças militares (regulares e irregulares) da revolução.

3. ESTRATÉGIA GERAL: OPERAÇÕES TERRESTRES — MISSÕES DO EXÉRCITO

a. Para a ESTRATÉGIA GERAL a ser desenvolvida na GICR, deve-se considerar que, normalmente, nem as armas nem as negociações põem fim às operações contra o comunismo; para que se logre êxito, não restará melhor caminho do que explorar devidamente as debilidades do inimigo. Assim, as forças revolucionárias estarão em desvantagem inicial, dada a sua inferioridade, e as forças da ordem disporão de consideráveis lapsos de tempo, durante a preparação da subversão, os quais deverão ser prontamente aproveitados.

A revolução comunista precisa de uma organização político-administrativa. Se forem eficazmente coordenadas as ações econômicas, político-sociais, psicológicas e militares, aquela organização poderá destruir-se ainda no embrião.

Os comunistas baseiam sua doutrinação na negação do que a vida contém de moral, e dizem que o fim justifica os meios. O mundo se orienta segundo outro sentido moral: fim lícito, meios lícitos.

b. Do PUNTO DE VISTA POLÍTICO, é de se destacar a necessidade de uma legislação adequada às particularidades apresentadas pelas atividades comunistas, complementando-se aquêle corpo legal com uma correta aplicação de justiça.

c. ECONOMICAMENTE, os comunistas não encontrarão motivos para reivindicações entre uma população que goze de bem-estar.

d. A AÇÃO PSICOLÓGICA adquire enorme importância, antes que deflagre a revolução, pois poderá criar "o clima" favorável ou desfavorável às forças da ordem.

e. MILITARMENTE, antes da deflagração, as tarefas fundamentais das forças armadas são relativas a planejamento e coleta de informações. Se, apesar de tudo, a revolução eclode, passam a primeiro plano as medidas de caráter militar. A repressão deve realizar-se com a máxima energia, onde esta seja justificável — do contrário, pode ser até contra-producente.

Em geral, pode-se admitir que o exército seja empregado contra a subversão:

- quando já há em desenvolvimento operações de tipo clássico (ou próximo dêste) nas zonas de retaguarda, face ao emprêgo de táticas e métodos subversivos;
- no interior, quando a importância dos elementos subversivos supera as possibilidades das forças de segurança.

A atuação do exército na GICR se manifesta em particular nas 3a., 4a. e 5a. fases do desenvolvimento.

f. A ORGANIZAÇÃO POLÍTICO-ADMINISTRATIVA é constituída pelas chamadas "hierarquias paralelas", que são encontradas em todos os setores do estado: no político, no econômico, no administrativo, no militar. É uma verdadeira rede, que a tudo cobre. A luta contra esta organização deve ser orientada no sentido de descobri-la e de passar a utilizar-se dela em benefício do controle da população. No Vietnã, tal organização é tão importante que até, através dela, é facilitada a cobrança de impostos em zonas que aparentemente acham-se controladas pelo governo pró-ocidental.

g. Mediante o TERRORISMO, a subversão pretende fundamentalmente fazer que se perca a confiança no governo legal. De fato, isto foi o que intentaram os terroristas venezuelanos, em 1964, ainda que não o tivessem conseguido. Quando forem incapazes as forças policiais e de segurança para conduzir a luta contra o terrorismo, as forças armadas devem tomar a tarefa a seu cargo. Nela tem papel decisivo um fator: a informação oportuna. O exército argentino pôde conduzir com eficácia a luta contra o terrorismo e a sabotagem, em 1960.

h. Na luta contra a SABOTAGEM é importante a segurança dos diferentes objetivos, para que seja assegurado o exercício do governo, e também os transportes, etc.

i. A LUTA CONTRA AS FÓRÇAS ARMADAS (REGULARES E IRREGULARES) DA SUBVERSÃO desencadeia-se quando a revolução está suficientemente "madura" e começa a atuar abertamente contra as forças da ordem. Entretanto, deve-se destacar que aquelas forças operam ajudadas por uma organização clandestina forte, e que esta é condição para o êxito daquelas. Voltando ao Vietnam, há duas operações levadas a cabo pelos vietcongs que evidenciam a íntima relação entre as duas estruturas: — o ataque à base aérea de Bien-Hoa e o ataque à aldeia católica de Ginh Gia; em nenhum dos casos citados foi possível ao governo pró-ocidental evitar importantes derrotas, para as quais influiu preponderantemente a surpresa com que foram executadas; e isto, por seu turno, deveu-se a que a organização clandestina, já mencionada, evitou que o governo tomasse conhecimento da situação.

4. A ORGANIZAÇÃO DA DEFESA INTERIOR DO TERRITÓRIO (DIT)

a. Para poder fazer frente à subversão, com possibilidades de êxito; deve-se organizar um "sistema de defesa interior do território", que responda às modalidades de operações da revolução. Deve-se, com tal sistema, chegar até às menores povoações. Assim, basicamente, divide-se o território em zonas, subzonas, áreas e setores de defesa, nos quais uma autoridade civil ou militar assume a responsabilidade pela luta.

Para a subdivisão, deve-se levar especialmente em consideração:

- (1) não ferir a divisão política;
- (2) unir zonas e áreas de condições semelhantes;
- (3) tanto quanto possível, atribuir a cada zona os meios necessários à sua auto-suficiência;
- (4) haver um só núcleo poderoso de subversão em cada zona, subzona ou área.

b. Organização.

(1) Zonas de defesa.

(Grupos de províncias que compreendem um C Ex.)

Apresentam o inconveniente da falta de equivalência com a organização político-administrativa, pois não há uma autoridade civil que tenha ingerência sobre várias províncias.

(2) Subzonas de defesa.

(Províncias correspondentes ao elemento militar Brigada.)

Há conveniente equivalência entre as autoridades civil e militar: Governador — Cmt de Bda.

(3) Áreas de defesa.

Correspondentes aos departamentos ou partidos (segundo as províncias). Também apresentam inconvenientes, porque normalmente não há

equivalência hierárquica entre a autoridade civil e a militar. Geralmente, compreende mais de um departamento ou partido.

(4) Setores de defesa.

Subdivisão das áreas de defesa.

c. **Emprego das forças da ordem**

Quando a subversão já atingiu certo grau de desenvolvimento, as forças da ordem, nas subdivisões assinaladas (zona de defesa, subzona, área), geralmente são empregadas pela forma que se segue:

- proteção de objetivos e luta contra a organização político-administrativa do inimigo: efetivos territoriais e de segurança;
- luta contra as forças armadas regulares e irregulares: forças armadas como tropas de intervenção.

BIBLIOGRAFIA

1. R Cond 1 c. e R Cond 1 e. (ver N. do T.).
2. *Condução na Guerra Contra-Revolucionária*. (Pontos preparados pelo próprio autor, em 1961 e 1962, para a ECEME da Bolívia).
3. *Notas do Curso para Oficiais de Estado-Maior, em 1959 (1ª conferência), da matéria "Estratégia e Tática"* (pelo Cel Carlos J. Rosas).
4. *Notas de Guerra Revolucionária e Guerra Contra-revolucionária do Curso Interamericano de Guerra Contra-Revolucionária, realizado em Buenos Aires, em 1961.*

N. do T.

R Cond — "Reglamento de Conducción."

O Exército Argentino conta com dois R Cond:

R Cond 1 — que se destina a operações das Forças Terrestres;

R Cond 2 — que se destina às Grandes Unidades de Batalha (Exército, Corpo do Exército).

As Grandes Unidades de Combate (Divisão, Brigada) não têm R Cond; existe um R Div e um R Bda.

Em todos esses regulamentos se faz cuidadosa referência à chamada "Conducción Interior" — Condução Interior, que "compreende a ação a desenvolver por toda a hierarquia, em todas as atividades da vida militar, quer na paz, quer na guerra, no quartel e em campanha, na instrução e na vida de relação do soldado, — que tem por objeto a educação moral, militar, cívica e patriótica do combatente moderno".

O assunto, que é importante e está muito bem encarado pelos nossos vizinhos, acha-se focalizado, entre outros trabalhos, nos traduzidos pelo General Moacir Araujo Lopes, a saber:

"Educação e Instrução dos Quadros e da Tropa — Adaptação ao Problema de Guerra Contra-Revolucionária" (do Curso Interamericano de Guerra Revolucionária, realizado pelo Exército Argentino, em 1961) — Mensário de Cultura Militar, nº 165-166, de Jul-Agô 62; e "Manual do Oficial para a Condução Interior da Tropa" (MOCIT), publicado nos ns. 2 e 3 (de 1960) do "Boletim Informativo da Inspeção Geral de Instrução do Exército Argentino".

Além disso, periodicamente se edita uma "Diretiva Particular de Condução Interior para o ano...", onde são abordadas diversas questões relacionadas com a Condução Interior, que é assim definida: "é o comportamento consciente do homem de armas no cumprimento de seus deveres, de acordo com as exigências impostas pelo serviço".